

IV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXII Semana de Iniciação Científica

21 a 25 de outubro de 2019

Tema: "Desmonte da Pesquisa, Ciência e Tecnologia: repercussões e impactos tecnológicos, sociais e culturais"



TESTE DE PAPANICOLAOU: UMA ABORDAGEM TEMÁTICA APLICADA NA SALA DE ESPERA

Sílvia Letícia Ferreira Pinheiro¹, Maurício Lima da Silva², Maria Jucilania Rodrigues Amarante³, Rafaella Bezerra Pinheiro⁴, Maria do Socorro Jesuíno Lacerda⁵, Glauberto Da Silva Quirino⁶, Jameson Moreira Belém⁷, Edilma Gomes Rocha Cavalcante⁸, Sheron Maria Silva Santos⁹

Resumo: O Teste de Papanicolaou possui diversos estigmas por envolver o íntimo feminino que levam-no, em suma, a ser realizado apenas quando há sintomatologias. O estudo objetiva relatar a vivência de práticas educativas em saúde sobre a apresentação do exame citopatológico a mulheres assistidas por uma Estratégia Saúde da Família (ESF). Trata-se da vivência em uma roda de conversa sobre o exame citopatológico numa ESF do município de Juazeiro do Norte-CE. Notou-se que as mulheres não gostam de realizar o exame, possuem crenças errôneas quanto ao objetivo do teste, apresentam dúvidas quanto a sua realização, jamais algum profissional abordou a temática, exceto quanto a importância e diagnóstico e, se negam a fazê-lo com profissionais do sexo masculino. A partir do relato das participantes, percebe-se importância da educação em saúde sobre o teste, pois foi possível sanar dúvidas e amenizar os sentimentos negativos sofridos antes e durante o exame. Espera-se que momentos semelhantes sejam perpetuados a todos os interessados, para obter maior procura ao exame e, conseqüentemente, diagnóstico e tratamento precoce do câncer cervical, como também, IST e vaginoses.

Palavras-chave: Exame Citopatológico. Enfermagem. Educação em saúde.

1. Introdução

O exame citopatológico do colo uterino ou Teste de Papanicolaou, conhecido popularmente como "exame de prevenção", é descrito como um dos principais instrumentos de rastreio, utilizado na prática clínica, para diagnosticar de forma precoce, lesões celulares de caráter neoplásico da cérvix uterina, seja na porção endocervical, ectocervical ou mesmo na junção escamocolumnar (JEC), sítio de maior ocorrência de lesões precursoras do câncer de colo do útero (SOUZA et al., 2019). Trata-se de um exame simples, rápido e indolor, quando executado de maneira adequada, disponibilizado na rede pública de saúde brasileira no serviço de atenção primária à saúde como, por exemplo, na Unidade Básica de Saúde (UBS) (BRASIL, 2016).

¹ Faculdade de Juazeiro do Norte, e-mail: silvialiberlando@gmail.com

² Universidade Regional do Cariri, e-mail: limamauricio18@gmail.com

³ Faculdade de Juazeiro do Norte, e-mail: ju-amarante@hotmail.com

⁴ Faculdade de Juazeiro do Norte, e-mail: raffabpinheiro@gmail.com

⁵ Faculdade de Juazeiro do Norte, e-mail: socorrojesuino@bol.com.br.

⁶ Universidade Regional do Cariri, e-mail: glauberto.quirino@urca.br

⁷ Universidade Regional do Cariri, e-mail: jam.ex@hotmail.com

⁸ Universidade Regional do Cariri, e-mail: edilma.rocha@yahoo.com.br

⁹ Universidade Regional do Cariri, e-mail: sheronmss@hotmail.com

IV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXII Semana de Iniciação Científica

21 a 25 de outubro de 2019

Tema: "Desmonte da Pesquisa, Ciência e Tecnologia: repercussões e impactos tecnológicos, sociais e culturais"



Por competência legal, esse teste pode ser realizado por médicos ou enfermeiros que possuam competência técnica e científica para inspecionar o órgão e tomar as condutas cabíveis frente aos achados clínicos e laboratoriais.

No que tange a legalidade da prática do exame pelo enfermeiro, encontram-se os dispostos nos protocolos de atenção básica do Ministério da Saúde (BRASIL, 2013; 2016b), no Decreto Nº 94.406, de 8 de junho de 1987, que regulamenta a Lei do exercício profissional da enfermagem (BRASIL, 1987), somado a resolução do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN, 2011) Nº 381 de 2011, os quais até o presente momento, estão em total vigor, conferem autorização sobre a execução da coleta de células cervicais pelo enfermeiro, bem como a prescrição de tratamento farmacológico para algumas Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e enfermidades relacionadas com a microflora vaginal.

Por se tratar de um exame que envolve a região íntima feminina, muitas mulheres sentem-se incomodadas com o Papanicolaou e buscam sua realização somente quando apresentam algum sinal ou sintoma que as deixam preocupadas (ALMEIDA; LOBO; OLIVEIRA, 2018). Tal fenômeno pode ser justificado pelo preconceito que contorna a sexualidade feminina, onde, desde a infância, a mulher cresce com a cultura de que seu órgão não deve ser tocado, manipulado ou visto por outras pessoas, aspecto completamente antagônico ao que acontece com o sexo oposto (SILVA, 2015).

Além disso, tem-se a ocorrência de abusos e assédios sexuais praticados por alguns profissionais de saúde às mulheres que realizam o exame, somado, também a carência de saberes sobre como o citopatológico é executado (AGUILAR; SOARES, 2015).

Sobre este aspecto, é fundamental que a população, em especial, as mulheres, que são protagonistas desse cenário, sejam empoderadas sobre a relevância da realização do exame em caráter periódico e como este é executado, de modo a tentar minimizar o estigma, apreensão e receio que as pacientes apresentam previamente e durante a coleta do citopatológico.

2. Objetivo

Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo relatar a vivência de práticas educativas em saúde sobre a apresentação do exame citopatológico a mulheres assistidas por uma Estratégia Saúde da Família (ESF).

3. Metodologia

Trata-se de um relato de experiência vivenciado por enfermeiros e graduandos em enfermagem durante momento prático da disciplina de saúde coletiva II. A vivência aconteceu no mês de setembro do ano de 2019 mediante convite realizado aos 16 pacientes que se encontravam na sala de espera de uma ESF do município de Juazeiro do Norte-CE para participarem de uma breve roda de conversa sobre o exame citopatológico. Destes 11 mulheres, com faixa etária entre 18 e 64 anos de idade, aceitaram participar do momento educativo, as quais buscaram o serviço de atenção primária para realização do Teste Papanicolaou.

IV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXII Semana de Iniciação Científica

21 a 25 de outubro de 2019

Tema: "Desmonte da Pesquisa, Ciência e Tecnologia: repercussões e impactos tecnológicos, sociais e culturais"



Além das pacientes, também participaram da roda de conversa 2 enfermeiras e 5 discentes de enfermagem (3 do sexo feminino e 2 do sexo masculino – os quais foram os protagonistas da ação educativa). Foram convidados a participar do momento os profissionais que estavam presentes na UBS, a saber: 3 agentes comunitários de saúde (ACS), 1 agente administrativo, 1 segurança e 1 nutricionista, perfazendo um total de 24 participantes.

Para a realização da atividade foram utilizadas apenas tecnologias leve (comunicação por meio da oralidade) e leve-duras (espéculo vaginal, espátula de ayres, escova endocervical, pinça cheron, gase, ácido acético e iodopovidona) para explicar de forma didática e ilustrativa como o exame é realizado. Vale a pena salientar que a roda de conversa foi guiada mediante alguns questionamentos, a saber: Vocês gostam de fazer prevenção? Sabem da importância de sua realização? Vocês sabem como o exame é feito? Algum profissional de saúde já conversou com vocês sobre o Papanicolaou? Ao final, foi aberto um momento para sanar dúvidas, possíveis críticas e sugestões, bem como para solicitar a permissão da participação e/ou execução do exame por um acadêmico de enfermagem.

4. Resultados

A partir do convite à participação da roda de conversa sobre o Papanicolaou, foi constatado interesse dos pacientes em participar do momento educativo, uma vez que a maior parte dos que se encontravam na sala de espera desejaram participar da roda de conversa, ou seja, dos 16 presentes, somente 5 não se envolveram com a atividade proposta.

A indagação que principiou a roda foi a seguinte: "Vocês gostam de fazer prevenção?", cujo questionamento resultou em unanimidade de posicionamento, ou seja, 100% das partícipes não gostam de realizar o exame. Acredita-se que este acontecimento se dê por motivos de vergonha e/ou medo do diagnóstico, como evidenciado por autores na literatura científica. Outro fator extrínseco que pode estar associado a essa ocorrência diz respeito ao retardamento no recebimento do resultado do exame, aspecto preocupante, pois dificulta o diagnóstico e a conduta precoce e precisa sobre possíveis lesões neoplásicas, IST e vaginoses.

Dando sequência as perguntas norteadoras da ação, pontuou-se quanto a importância do exame, a qual também procedeu com universalidade de respostas: todas as participantes compreendem a importância de realizar o exame citopatológico, contudo, em suma, buscam esse tipo de assistência somente quando apresentam alguma queixa, sinal ou sintoma. Seguindo essa lógica, foi evidenciado carência de saberes a respeito do objetivo do exame, visto que possuíam a crença de que sua finalidade era prevenir o câncer de colo uterino. Diante do ocorrido, houve a necessidade de explanar o real intuito do exame e fortalecer a relevância de sua execução.

Foi constatado que 2 das 11 pacientes nunca tinham realizado o exame e que 8 haviam-no realizado em torno de 5 anos atrás. Vale a pena salientar a existência do conhecimento pontuado no protocolo do Ministério da Saúde sobre a faixa etária de mulheres entre 25 e 64 anos de idade, que iniciaram sua

IV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXII Semana de Iniciação Científica

21 a 25 de outubro de 2019

Tema: "Desmonte da Pesquisa, Ciência e Tecnologia: repercussões e impactos tecnológicos, sociais e culturais"



vida sexual, como público alvo para rastreamento do câncer cervical pelo exame citopatológico (BRASIL, 2016). Todavia, devido a execução do Teste de Papanicolaou proporcionar inspeção do canal vaginal, colo uterino e coletar células de toda sua microflora, o exame foi disponibilizado às mulheres que iniciaram atividade sexual, independentemente da faixa etária, de forma a identificar, diagnosticar e tratar possíveis IST e vaginoses.

No que tange o saber sobre como o exame é feito, percebeu-se que as pacientes desconhecem a sua execução e foi constatado que jamais algum profissional de saúde dialogou sobre essa temática, exceto quanto a sua importância e o que o exame diagnostica. Sob essa perspectiva, foi apresentado o material utilizado durante o exame, o que e como é coletado as células cervicais, assim como os testes que são realizados com uso do ácido acético e iodopovidona, a finalidade de cada um deles e o que a mulher pode sentir com sua aplicação.

Em meio às dúvidas apresentadas descrevem-se como principais a seleção do tamanho do espéculo e o porquê, às vezes, ao finalizar os testes, na roupa íntima feminina aparece manchas semelhantes a sangue. Sanadas as dúvidas, foi solicitado a participação e/ou execução do teste pelos acadêmicos em companhia da enfermeira da ESF. Dentre as 11 pacientes, apenas 1 permitiu a participação e execução do exame por um acadêmico do sexo masculino, 1 não aceitou a execução do citopatológico por discentes, mesmo do sexo feminino e 1 negou a presença de acadêmicos dentro da sala de coleta. As demais consentiram a participação e execução do Papanicolaou pelas graduandas mulheres.

Neste sentido, as críticas emitidas durante a roda de conversa foram, em suma, pela execução do exame por profissionais do sexo masculino. Ao final, além das dúvidas e críticas, foram obtidas sugestões, dentre as quais destaca-se a realização periódica de momentos educativos semelhantes ao vivenciado, em virtude de sanar as dúvidas, proporcionar conhecimento de como o exame é executado, fortalecer sua relevância para a saúde da mulher e minimizar a tensão sofrida antes e durante o procedimento.

5. Considerações finais

A partir do exposto, percebe-se a importância de momentos de educação em saúde envolvendo o Teste Papanicolaou, uma vez que foi possível amenizar os sentimentos negativos sofridos previamente e durante a ocorrência do exame, conforme relatado pelas participantes; como também pela carência e controvérsias de saberes relacionados ao exame. Diante do exposto, espera-se que momentos semelhantes ao executado na sala de espera sejam perpetuados a todos os interessados, para que haja maior procura ao exame e, por sua vez, diagnóstico e tratamento precoce tanto do câncer cervical quanto de IST e vaginoses. Além disso, por proporcionar melhoria da assistência através da promoção de saúde e prevenção de agravos mediante a responsabilização do cuidado e empoderamento das mulheres sobre sua saúde, permitindo, ainda, a formação de multiplicadores dos saberes explanados sobre o exame citopatológico do colo uterino.

IV SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA

XXII Semana de Iniciação Científica

21 a 25 de outubro de 2019

Tema: "Desmorte da Pesquisa, Ciência e Tecnologia: repercussões e impactos tecnológicos, sociais e culturais"



6. Agradecimentos

Todos os membros do Grupos de Pesquisas GRUPESC e GPESGDI pela colaboração com o desenvolvimento deste relato de experiência.

7. Referências

AGUILAR, R. P; SOARES, D. A. Barreiras à realização do exame Papanicolaou: perspectivas de usuárias e profissionais da Estratégia de Saúde da Família da cidade de Vitória da Conquista-BA. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, 2015

ALMEIDA, M. M.; LOBO, L. M. das G.; OLIVEIRA, F. B. M. Câncer do colo uterino, HPV e exame Papanicolaou: uma reflexão acerca dos conhecimentos das mulheres. **Portuguese Reon Facema**. Maranhão, v. 4, n. 1, 2018.

BRASIL. Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. Coordenação de Prevenção e Vigilância. **Divisão de Detecção Precoce e Apoio à Organização de Rede**. Diretrizes brasileiras para o rastreamento do câncer do colo do útero. – 2. ed. rev. atual. – Rio de Janeiro: INCA, 2016a.

_____. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Controle dos cânceres do colo do útero e da mama. 2. ed. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/controle_canceres_colo_uterio_2013.pdf>. Acesso em 29 set 2019.

_____. Ministério da Saúde. **Protocolos da Atenção Básica: Saúde das Mulheres**. Instituto Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa – Brasília: Ministério da Saúde, 2016b. Disponível em: <http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/protocolo_saude_mulher.pdf>. Acesso em 29 set 2019.

_____. **Decreto Nº 94.406, de 8 de junho de 1987**. Regulamenta a Lei nº 7.498, de 25 de junho de 1986, que dispõe sobre o exercício da enfermagem, e dá outras providências. Presidência da República. Brasília-DF, 1987. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1980-1989/D94406.htm>. Acesso em 29 set 2019.

Conselho Federal de Enfermagem (COFEN). **Resolução COFEN Nº 381/2011**. DTIC/ASCOM do Cofen. Disponível em: <http://www.cofen.gov.br/resoluo-cofen-n-3812011_7447.html>. Acesso em 29 set 2019.

SILVA, E. F. Metodologia feminista e direitos reprodutivos no Centro de Saúde Santa Rosa, Niterói (RJ). Relato De Experiência. **Saúde debate**. Rio de Janeiro. v. 39, n. 106, 2015 .

SOUZA, A. T. M.; et al. Exame citopatológico de câncer de colo do útero: acesso e qualidade no atendimento. **Rev. pesqui. cuid. fundam**. Pernambuco. v. 11, n. 1. 2019.